



FOLHA DOMINICAL

DOMINGO V DA PÁSCOA

Primeira Leitura (Atos 6,1-7)

Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, os helenistas começaram a murmurar contra os hebreus, porque no serviço diário não se fazia caso das suas viúvas. Então os Doze convocaram a assembleia dos discípulos e disseram: «Não convém que deixemos de pregar a palavra de Deus, para servirmos às mesas. Escolhei entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, para lhes confiarmos esse cargo. Quanto a nós, vamos dedicar-nos totalmente à oração e ao ministério da palavra». A proposta agradou a toda a assembleia; e escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos Apóstolos e estes oraram e impuseram as mãos sobre eles. A palavra de Deus ia-se divulgando cada vez mais; o número dos discípulos aumentava consideravelmente em Jerusalém e obedecia à fé também grande número de sacerdotes.

Estamos na primeira secção dos Atos dos Apóstolos, na qual Lucas descreve a consolidação da primitiva comunidade de Jerusalém (At 1,12–8,3). O conflito que surge entre os helenistas e os hebreus reflete tensões culturais e linguísticas no seio do judaísmo do século I. Os helenistas eram judeus de língua grega, provavelmente provenientes da diáspora, enquanto os hebreus falavam aramaico e estavam mais ligados às tradições palestinianas. A queixa pela negligência no cuidado das viúvas helenistas é um sinal de fratura comunitária. A solução apostólica baseia-se numa distinção funcional entre o seu ministério e o «serviço das mesas», sendo ambas as tarefas formas diferentes de um único serviço eclesial. Todos os nomes dos homens escolhidos são gregos, o que reforça a intenção integradora. A imposição das mãos por parte dos apóstolos indica a transmissão de autoridade e a legitimação comunitária. O resultado imediato é o crescimento da Palavra e o aumento do número de discípulos; o conflito, longe de ser um obstáculo, torna-se uma oportunidade de consolidação comunitária e de avanço missionário.

Segunda Leitura (1 Pedro 2, 4-9)

Caríssimos: Aproximai-vos do Senhor, que é a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção deste templo espiritual, para constituirdes um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso se lê na Escritura: «Vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa; e quem nela puser a sua confiança não será confundido». Honra, portanto, a vós que acreditais. Para os incrédulos, porém, «a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular», «pedra de tropeço e pedra de escândalo». Tropeçaram por não acreditarem na palavra, pois foram para isso destinados. Vós,

porém, sois «geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus, para anunciar os louvores» d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável.

A passagem tem um forte pano de fundo batismal e eclesiológico. A imagem central - o edifício espiritual construído com «pedras vivas» - é uma metáfora que combina a tradição do Antigo Testamento com a cristologia primitiva. Cristo é apresentado como a «pedra viva», rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa para Deus, aludindo ao salmo 118 e a Isaías 28. Sublinha-se assim o lugar que ocupa e a sua função na comunidade crente. Aqueles que a Ele aderem participam desta edificação, formando uma «casa espiritual». Reinterpreta-se deste modo o sentido do culto: já não se centra num espaço físico, mas na comunidade animada pelo Espírito. A expressão «sacerdócio santo» remete para Êxodo 19,6, onde é aplicada a Israel; aqui, porém, é universalizada, sendo atribuída a toda a comunidade. O sacrifício oferecido é «espiritual», o que sugere uma superação do culto sacrificial em direção a uma entrega existencial conforme à vontade de Deus. O contraste entre crentes e descrentes articula-se através da imagem do tropeço: a rejeição de Cristo é reinterpretada como um cumprimento paradoxal da Escritura. A enumeração final - «raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido» - condensa a identidade eclesial em termos provenientes da tradição israelita. O seu propósito é o anúncio das maravilhas de Deus, conferindo à comunidade uma dimensão testemunhal intrínseca.

Evangelho (Jo 14, 1-12)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim. Em casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, Eu vos teria dito que vou preparar-vos um lugar? Quando Eu for preparar-vos um lugar, virei novamente para vos levar comigo, para que, onde Eu estou, estejais vós também. Para onde Eu vou, conheceis o caminho». Disse-Lhe Tomé: «Senhor, não sabemos para onde vais: como podemos conhecer o caminho?». Respondeu-lhe Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim. Se Me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai. Mas desde agora já O conheceis e já O vistes». Disse-Lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta». Respondeu-lhe Jesus: «Há tanto tempo que estou convosco e não Me conheces, Filipe? Quem Me vê, vê o Pai. Como podes tu dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Não acreditas que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo, não as digo por Mim próprio; mas é o Pai, permanecendo em Mim, que faz as obras. Acreditai-Me: Eu estou no Pai e o Pai está em Mim; acreditai ao menos pelas minhas obras. Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e fará obras ainda maiores, porque Eu vou para o Pai».

O Evangelho faz parte do discurso de despedida no Evangelho de João, situado no contexto da Última Ceia. Estrutura-se em torno da consolação dos discípulos perante a iminente partida de Jesus e da revelação progressiva da sua identidade e da sua relação com o Pai. A afirmação inicial introduz um tom exortativo e revela a situação emocional dos discípulos. Segue-se uma pergunta retórica, respondida pelo próprio Jesus, que aponta para o sentido da sua partida em relação a eles. As «muitas moradas», mais do que descreverem um

espaço físico, sugerem a comunhão definitiva com Deus. A sua autodefinição como «o caminho, a verdade e a vida» indica, respetivamente, a identidade de Cristo como mediação salvífica, revelador pleno do Pai e participante da vida divina. A exclusividade desta mediação é formulada de modo claro: ninguém vai ao Pai senão por Ele. O pedido de Filipe permite a Jesus aprofundar a unidade entre si e o Pai. A mútua imanência exprime uma dimensão relacional que ultrapassa categorias meramente funcionais. As obras de Jesus são sinais visíveis desta comunhão. Por fim, a promessa de obras maiores realizadas pelos discípulos implica que a obra salvífica continua na comunidade após a glorificação de Jesus, graças ao dom do Espírito. O texto articula, assim, uma visão dinâmica da revelação, à luz da compreensão da morte de Jesus como retorno ao Pai.

Deus nas letras humanas

Mãe

Conheço a tua força, mãe, e a tua fragilidade.
Uma e outra têm a tua coragem, o teu alento vital.
Estou contigo mãe, no teu sonho permanente na tua esperança incerta
Estou contigo na tua simplicidade e nos teus gestos generosos.
Vejo-te menina e noiva, vejo-te mãe mulher de trabalho
Sempre frágil e forte. Quantos problemas enfrentaste,
Quantas aflições! Sempre uma força te erguia vertical,
sempre o alento da tua fé, o prodigioso alento
a que se chama Deus. Que existe porque tu o amas,
tu o desejas. Deus alimenta-te e inunda a tua fragilidade.
E assim estás no meio do amor como o centro da rosa.
Essa ânsia de amor de toda a tua vida é uma onda incandescente.
Com o teu amor humano e divino
quero fundir o diamante do fogo universal.
– António Ramos Rosa

Avisos Paroquiais | 3 a 10 de maio

03 | V Domingo da Páscoa - Bênção das grávidas

Oração do Terço | 21:00

04 | Estudo Bíblico - Ser para viver como irmãos | 21:30

05 | Reunião de Comissão permanente | 21:30

07 | Reunião com o secretariado da catequese | 21:30

09 | Retiro de preparação para Primeira Comunhão e para a Profissão de Fé

10 | VI Domingo da Páscoa

Dia Paroquial do doente - Celebração da Santa Unção 16:00

No **mês de maio** cuidamos que a nossa oração se faça com o auxílio de Maria. Como é habitual, todos os dias teremos a **oração do Terço**, por isso todos os grupos paroquiais se deverão inscrever para a recitação do Terço.

Vida cristã adulta - todos os que desejarem aprofundar a sua fé, receber os sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia) ou para uma participação mais ativa na comunidade, devem inscrever-se na secretaria paroquial.

Jubileu Matrimonial na Diocese | 31 de maio | Penafiel - Inscrições abertas na secretaria paroquial

Caminhos de Santiago para casais | 7-12 de junho - Inscrições abertas na secretaria